



ASPECTOS (INTER)CULTURAIS NO
ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA
ESTRANGEIRA

ANDRÉIA DIAS IANUSKIEWTZ

Doutoranda junto ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de São Carlos e Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico no Campus Sertãozinho do Instituto Federal de São Paulo.

Contato: kiewtz@yahoo.com

ASPECTOS (INTER)CULTURAIS NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Andréia Dias Ianuskiewtz

RESUMO: Discutir questões (inter)culturais em aula de língua estrangeira não significa meramente transmitir informações culturais estanques; significa adotar a perspectiva do intercultural como processo de diálogo entre pessoas pertencentes a culturas diferentes, diálogo este, que deve promover a integração, permitindo ao educando encontrar-se com a cultura do outro sem deixar de lado a sua, incentivando o respeito a outras culturas, a superação de preconceitos culturais e do etnocentrismo. No ensino de línguas baseado em uma perspectiva intercultural busca-se desenvolver a habilidade de usar a língua de forma social e culturalmente adequada. Considerando-se tais pressupostos, pretendemos, na primeira parte deste artigo, tecer reflexões sobre a questão da interculturalidade no ensino-aprendizagem de língua estrangeira e, em seguida, analisar trechos de três livros didáticos de língua inglesa, verificando como são propostas atividades pedagógicas que podem ser bem sucedidas e cumprir um dos importantes papéis da abordagem intercultural que é levar o aprendiz à reflexão sobre a língua estrangeira e sua(s) cultura(s) e sobre a língua materna e sua(s) cultura(s).

PALAVRAS-CHAVE: Interculturalidade; língua estrangeira; material didático; língua inglesa.

ABSTRACT: Discussing intercultural issues in a foreign language class doesn't mean mere transmission of stagnant cultural information; it means to adopt an intercultural perspective as a dialogue process among people who belong to different cultures. This dialogue must promote integration, allowing the students to meet the other's culture without putting their own culture aside, encouraging the respect for other cultures, the overcoming of cultural prejudice and ethnocentrism. Language teaching based on an intercultural perspective aims to develop the ability of using the language in a socially and culturally appropriated way. Considering these assumptions, in the first part of this paper we aim to reflect on the subject of interculturality in foreign language teaching and learning. Next, we will analyse sections of three didactic books for English teaching, verifying the way pedagogical activities are presented and how they can be effective in leading students to reflect on the foreign language and its culture(s) and on the mother tongue and its culture(s).

Keywords: Interculturality; foreign language; didactic material; English language.

1. CULTURA/INTERCULTURALIDADE E ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

De acordo com Kumaravadivelu (2008), embora o componente *cultura* seja parte integral do ensino de língua estrangeira (LE) há muito tempo, não era considerado, até recentemente, um conteúdo explícito do currículo do ensino de línguas: era visto como um subproduto do ensino-aprendizagem de LE. Segundo o autor, é somente após a Segunda Guerra Mundial, quando o comércio e a comunicação internacional se tornam difundidos, que os profissionais da área de ensino-aprendizagem de línguas reconhecem a necessidade de se “ensinar cultura” explicitamente. Nos anos noventa, a preocupação com a inserção de aspectos culturais nas aulas de LE, juntamente com a noção de multiculturalismo, adquire maior relevância. Rozenfeld (2007, p.69) afirma que existe, atualmente, uma visão amplamente difundida de que alunos de LE necessitam, além do conhecimento da gramática da língua-alvo, da “habilidade de usar a língua de forma social e culturalmente adequada”, pois entende-se que “a simples aquisição de sistemas linguísticos não é garantia de compreensão nem de paz entre os povos” (BARBOSA, 2009, p.115).

Segundo Corbett (2008), há, hoje em dia, em muitas aulas de LE ao redor do mundo, uma crescente demanda para que professores combinem as quatro habilidades linguísticas (*reading, writing, listening, speaking*) a um conjunto de habilidades e competências interculturais. Porém, Kramsh (1993) atenta para o fato de que a aprendizagem da cultura na área de LE não deve ser vista como uma quinta habilidade (além das outras quatro acima citadas), mas sim, como um aspecto que precisa estar sempre presente na aula de LE. Almeida Filho (2002) corrobora essa reflexão e elucida que a cultura, ao invés de ser uma “franja” na aula de LE, deve ocupar o mesmo lugar da língua, quando essa se apresenta como ação social propositada.

Cleary (2008) aponta que a cultura sempre ocupou lugar importante no ensino-aprendizagem de línguas, mas que nos últimos anos, o foco tem mudado para seus aspectos sociais e comportamentais, com ênfase na *consciência cultural* (*cultural awareness*), como fator primordial para a comunicação efetiva. De acordo com a autora, *consciência cultural* é um tema complexo e vai além da aprendizagem sobre povos ou culturas, abrangendo **a)** a consciência sobre a bagagem cultural do próprio aprendiz e a bagagem cultural do *outro* e o modo como essas influenciam seus comportamentos e **b)** o

conhecimento de como interpretar, negociar e explicar a diversidade cultural para auxiliar na comunicação efetiva com pessoas de outras culturas.

Assim como Cleary (2008), acreditamos que ao entendermos e refletirmos sobre nossa cultura e nosso comportamento, o qual também é culturalmente influenciado, estamos mais preparados para compreender a cultura e o comportamento alheio, e assim, criamos a base para uma comunicação intercultural bem sucedida.

Corbett (2010) pontua que os significados atribuídos ao termo “intercultural” têm mudado constantemente, à medida que o conceito é adotado e adaptado pela ampla comunidade de estudiosos de línguas. Segundo o autor, as origens do conceito “intercultural” remetem à preocupação pelo que acontece, quando pessoas de diferentes *backgrounds*, que fazem uso de uma língua em comum, enfrentam problemas de comunicação por não compartilharem uma série de crenças, atitudes e suposições sobre o que pode ser considerado um padrão de comportamento “normal”. O autor esclarece que, embora o ensino de línguas com enfoque intercultural ainda inclua a preocupação com situações nas quais ocorrem falhas de comunicação, atualmente vai além desse foco limitado, e tem como objetivo a comunicação *além* das barreiras culturais. A abordagem intercultural no processo de ensino-aprendizagem de línguas seria uma resposta à necessidade de preparar os alunos para lidarem com diferenças em atitudes, crenças e comportamentos, com respeito, humildade e tolerância.

Desse modo, entendemos que em uma dimensão intercultural de ensino de LE, objetiva-se a promoção de uma ação integradora entre falantes oriundos de diferentes culturas, de modo que possam construir novos significados, sempre sensibilizados para o respeito às diferenças e diversidades culturais do *outro*. De acordo com Barbosa (2009, p.122), a abordagem intercultural vai além do conhecimento habitual dos fatos culturais; ela “visa permitir a compreensão da maneira pela qual esses fatos estão interligados”. A autora completa que:

Nessa perspectiva, o professor de língua deixa de ser apenas o “empresário” de um determinado desempenho linguístico, para tornar-se o catalisador de uma competência crítica e cultural em expansão contínua. (BARBOSA, 2009, p.130)

Almeida Filho (2002, p.211) compartilha as mesmas reflexões e acrescenta a ideia de que o termo “intercultural implica a noção de reciprocidade de viver (mesmo que temporariamente) na esfera cultural do outro e simultaneamente ter o outro confortavelmente na nossa esfera cultural”.

Em 2001, o documento *Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching and Assessment* foi publicado pelo Conselho Europeu. Kumaravadivelu (2008) aponta que um conteúdo importante desse quadro é o desenvolvimento do tema *interculturalidade* no ensino-aprendizagem de línguas, que objetiva promover a consciência intercultural do aprendiz de LE. Tal consciência compreende, além do conhecimento objetivo da relação entre o “mundo de origem” e o “mundo da comunidade alvo” (similaridades e diferenças), uma conscientização de como cada comunidade é vista da perspectiva do outro, geralmente na forma de estereótipos. Corbett (2008) elucida que, no ensino-aprendizagem de línguas, o conhecimento e habilidade interculturais juntam-se ao conhecimento e habilidade linguísticas na investigação dos seguintes tópicos:

- como construímos noções de nós próprios e dos outros;
- como interagimos e construímos um senso de comunidade;
- como respondemos politicamente à globalização;
- como podemos relacionar o comportamento dos outros às suas atitudes e crenças;
- como podemos ter empatia, respeito e valorizar as crenças dos outros.

Sendo assim, o ensino de línguas, em uma abordagem intercultural, deve buscar “a reflexão, sensibilização e compreensão de aspectos da cultura-alvo, assim como sobre a própria cultura” (ROZENFELD, 2007, p.72). Nessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem de LE não se restringe à explicitação de fatos e comportamentos em diferentes culturas; ele vai além, em busca da sensibilização de todos os indivíduos envolvidos na interação, para que possam agir na tentativa de compreenderem e respeitarem uns aos outros, “construindo novos significados e redescobrimo suas próprias identidades” (PAIVA, 2009, p.47).

Portanto, discutir questões culturais em sala de aula não significa meramente transmitir informações culturais estanques. Significa, sim, adotar a perspectiva do intercultural como processo de diálogo entre pessoas pertencentes a culturas diferentes; diálogo este que promove a integração e o respeito à diversidade e permite ao educando encontrar-se com a cultura do outro sem deixar de lado a sua, ao incentivar o respeito a outras culturas, a superação de preconceitos culturais e do etnocentrismo.

Porém, há de se pensar em como podemos incorporar questões culturais ao conjunto de práticas pedagógicas de professores de LE. Holliday, Hyde e Kullman (apud KUMARAVADIVELU, 2008) identificam três grandes dificuldades a respeito do “ensino de cultura” na área de ensino-aprendizagem de LE, tanto no campo teórico quanto no campo prático: primeiramente, os autores apontam que apenas “problemas” e “dificuldades” culturais são o foco dos estudos. Em segundo lugar, o estudo da cultura estaria limitado ao estudo de padrões de comportamento e valores fixos. E por último, *cultura*, do modo limitado em que é idealizada, torna-se a explicação necessária e suficiente dos conflitos interculturais. Atkinson (apud KUMARAVADIVELU, 2008) conclui que a maioria dos profissionais de LE vê *cultura* como entidades geograficamente e nacionalmente distintas, com sistemas de regras e normas que determinam o comportamento pessoal. O autor acredita que precisamos desenvolver uma noção de *cultura* que leve em conta o cultural no individual e o individual no cultural.

A sala de aula de LE, segundo Corbett (2010), é um lugar privilegiado para a exploração de aspectos interculturais, porque proporciona o tempo e espaço para encontros com “outros”, encontros esses, regulares, e que possibilitam reflexão e discussão sobre nossos comportamentos, atitudes e crenças, comparando-os com o *outro*. Bizarro e Braga (2005, p.828-829) também reconhecem a aula de LE como espaço onde o encontro com o *outro* assume particular significado:

Hoje, ela [a aula de LE] constitui-se, fundamentalmente, como um espaço de interação cultural, onde se evidencia a heterogeneidade das pessoas (professor/a e alunos/as) que a frequentam, heterogeneidade esta feita de diferenças, mas também da ocorrência de similitudes, umas e outras detectáveis não só no conhecimento e no uso que se faz/tem da língua em estudo, mas também no aspecto sócio-relacional que ela instaura, e, ainda, heterogeneidade face aos falantes autóctones da língua estrangeira que é objeto de estudo.

Podemos afirmar que a educação intercultural oferece também ao professor de línguas um novo conjunto de contextos, propósitos e motivações, que lhe permitem explorar outras culturas e mediar quando a má comunicação ocorre devido a questões culturais. O educador, nesse contexto, tem como objetivo promover habilidades de “descentralização”, encorajando o aprendiz a ver sua cultura através dos olhos do outro e também a simpatizar com as atitudes e crenças do outro (CORBETT, 2008, 2010).

2. QUAL CULTURA DEVEMOS “ENSINAR” NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA?

Após reconhecermos que enriquecer nossas aulas com informações e conteúdos (inter)culturais auxilia o aprendiz de LE a desenvolver sua consciência cultural, devemos refletir sobre *qual cultura* devemos “ensinar”. Cleary (2008) lembra que o idioma inglês, conforme afirmam Carter e Nunan (2001) em *Cambridge Guide to Teaching English to Speakers of Other Languages*, não pertence mais ao Reino Unido ou aos Estados Unidos: ele é uma fonte diversa e diversificada para a comunicação global. Desse modo, Cleary (2008) acredita que o componente cultural que apresentamos aos nossos alunos deve ser representativo de todos os contextos e situações nos quais a língua inglesa é falada, refletindo assim, a diversidade e pluralidade de seus usuários.

Outra questão importante a considerar, de acordo com Cleary (2008), seria decidir quais aspectos culturais incluir nas aulas de línguas. De acordo com a autora, a maioria dos livros didáticos para o ensino da língua inglesa abordam aspectos tradicionais da cultura. No entanto, concordamos com Cleary (2008), que a melhor maneira de integrarmos o ensino do componente cultural à aula de LE seria usarmos o modelo de *culture-enriched instruction*, substituindo o conteúdo acadêmico por informação cultural significativa, e promovendo, desta maneira, tanto as habilidades linguísticas, quanto o conhecimento e a competência cultural.

Ao ensinarmos LE por meio de um amplo escopo de referências culturais, oferecemos ao aprendiz oportunidades de desenvolver importantes competências cognitivas e culturais, sem com isto, comprometer seu desenvolvimento linguístico. Rozenfeld (2007) afirma que:

No campo linguístico, o EI (ensino intercultural) acontecerá, no momento em que alunos, ao se defrontarem com a LE, formularão questões sobre o significado de palavras, o entendimento das estruturas e tecerão comparações entre a LM e a língua-alvo. Nesse momento, busca-se o reconhecimento de que as pessoas utilizam outras ferramentas e outros meios para expressar determinados desejos, ou certas opiniões. Aceitar isso sem estranhamento, assim como buscar a relativização do *outro* e do *eu*, marca uma mudança de paradigma na aprendizagem de LE, a do ensino intercultural. Busca-se a *normalização do outro* e o *estranhamento do normal*, tanto no campo linguístico, quanto cultural (Vollmuth, 2002). Ocorre o reconhecimento não só de que o *outro* vive e se comunica de forma diferente, com o mesmo direito que o *eu*, mas que o mundo até então absolutamente tomado como próprio e *normal* é relativo. (ROZENFELD, 2007, p.73, grifos do autor)

A autora destaca o conceito de *competência intercultural* (CI) e esclarece que ele surgiu a partir dos pilares da relação entre língua e cultura na interação. Baseando-se em Volkmann, Rozenfeld elucida que a CI se refere à capacidade e habilidade do aprendiz de LE, “de conhecer as diferenças entre a cultura-alvo e a própria, de reconhecer essas diferenças em situações concretas e de desenvolver estratégias para lidar de forma compreensiva com os costumes da outra cultura” (ROZENFELD, 2007, p. 79). Vollmuth (apud ROZENFELD, 2007, p. 79) vai além e afirma que como CI “não é o simples conhecimento do outro, mas também reflexão sobre o outro, é necessário que se faça reflexões e comparações acerca também de si mesmo”. A CI compreenderia, então, a capacidade de entendimento do outro, a partir da análise do eu, da sensibilização para as diferenças e evidenciaria a necessidade de reflexão quanto à própria cultura e aos próprios valores. Ela tornaria possível o preparo de alunos e professores para a tolerância, aceitação e compreensão do outro, bem como para possíveis reformulações de (pré) conceitos.

3. ATIVIDADES PEDAGÓGICAS EM LIVROS DE LÍNGUA INGLESA QUE ABORDAM ASPECTOS INTERCULTURAIS

Após refletirmos sobre o ensino de línguas em uma perspectiva intercultural e ressaltarmos sua importância, observaremos, a seguir, como são propostas atividades pedagógicas que abordam aspectos interculturais, retiradas de três livros didáticos de Inglês LE: *English File*¹, *Total English*², e *Face2Face*³.

¹ OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **English File (Elementary)**. Oxford: Oxford University Press, 1996.

Atividades do livro *English File*

Present simple: *he / she / it* Verbs: *watch / listen to*, etc.

Fish, chips, and cricket

Does he live in a house?
No, he doesn't.

Typically English?

The English live in houses with gardens and they work in offices.
They read *The Times* newspaper and Agatha Christie books.
They drink tea at 5.00 and they have fish and chips on Fridays.
They play football, rugby, and cricket.
They watch BBC television.
They study at Oxford or Cambridge university.
They go to the pub after work, but they don't smoke.
They all have cats or dogs, and they like the Royal family.
They don't speak foreign languages, only English.
But is this really true?

A *have*







E

B





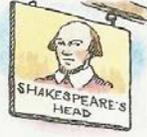
C



G

D





F

3

A

Profile on Britain



1 My name's Catherine Black.
I live in a house in Manchester.
I w_____ in a hotel.
I r_____ *The Independent*
and I don't w_____ TV.
I s_____ a little – about five cigarettes a day.
I don't speak or study a foreign language.
I p_____ tennis. I d_____ coffee and tea.
I l_____ the Royal family and my two cats!



2 This is Terry Mathews.
He *lives* in a flat in Cambridge.
He _____s *The Sun* and
_____es satellite TV.
He _____es to the pub on Friday nights.
He doesn't s_____ cigarettes or a pipe.
He _____s a little French and he *studies* Spanish.
He _____s coffee. He _____s football on
Saturday afternoons, and *has* fish and chips on
Saturday evenings. He doesn't l_____ cats,
children, or the Royal family.

- 1 **a** What is 'typically English'? Say three things.
Sherlock Holmes, umbrellas, ...
 - b** **1** Read *Typically English?* Are your three things in the text?
 - c** Find verbs / phrases for pictures A to G.
- 2 Dictation. *The English today*. Write the statistics.
30% smoke.
- 3 **a** Read *Profile on Britain* paragraph 1. Complete with verbs from *Typically English?*
 - b** Complete paragraph 2.
 - c** **2** Listen and check.

Atividades do livro *Face2Face*

6 Breaking codes

6A Codes of conduct

Vocabulary phrases with *take*
 Grammar uses of verb+ing
 Review discussion language (2):
 opinions

QUICK REVIEW ●●●●

Work in groups of three. Choose two of these topics: cosmetic surgery; zoos; being vegetarian; smoking in public places. Take turns to give opinions, clarify your position and give the opposite opinion if appropriate.

Pick of the week



Watching the English
 The Hidden Rules of English Behaviour
 KATE FOX

Vocabulary Phrases with *take*

1 a) Tick the phrases in **bold** you know. Check new phrases in **V6.1** p126.

- 1 Do you **take a long time** to get ready in the morning?
- 2 Have you **taken** a lot of **risks** in your life?
- 3 Do you think you **take** life too **seriously**?
- 4 Who do you **take advice** from?
- 5 Do you think anyone you know **takes** you **for granted**?
- 6 Do you think you **take responsibility** for things you shouldn't?
- 7 Has anyone ever **taken advantage** of you when you've offered to help them?
- 8 Do you **take** any **notice** of people who criticise you?
- 9 Do you **take** your **time** when you're clothes shopping?
- 10 Do you ever **take sides** in family arguments?

b) Work in pairs. Take turns to ask and answer the questions in 1a). Ask follow-up questions if possible.

Reading and Grammar

2 a) Work in groups. Discuss these questions.

- 1 Do you know any English people? If so, where and how did you meet them? What are they like?
- 2 Which four adjectives describe English people the best?

b) Read the book review of *Watching the English*. Does Kate Fox think the English are unfriendly? Why?/Why not?

c) Read the review again. Tick the correct sentences. Correct the false ones.

- 1 English social codes are obvious to everyone.
- 2 People who commute together often become friends.
- 3 'Weather-speak' is a common way of starting a conversation with strangers.
- 4 You should always agree with the person's opinion about the weather.
- 5 English people don't mind talking about themselves to strangers.
- 6 It's impolite to ask English people about money.

d) Did anything in the review surprise you? Do people from your country behave in a similar way?

What every visitor to England needs to know

Henry Hardcastle reviews Kate Fox's new book.

As an Englishman, I **was laughing** out loud and cringing with embarrassment as I read *Watching the English* by Kate Fox. This highly entertaining book looks at how the English behave and uncovers the hidden social rules that mystify foreign visitors, for example how we behave on public transport. Apart **from asking** for information – "Is **this train going** to Victoria?" – **talking** to strangers on trains just isn't done! In fact it's absolutely normal for commuters to **spend years travelling** on the same train together ²without exchanging a word.

Help with Grammar Uses of verb+ing

3 a) Look at phrases in **pink** in the article. Match them to these uses of verb+ing.

We use verb+ing ...

- a) as part of a continuous verb form. *was laughing*
- b) after prepositions.
- c) after certain verbs.
- d) after certain verbs + object.

b) Look at the phrases in **blue** in the article. Match them to these uses of verb+ing.

We can also use verb+ing ...

- e) as an adjective. *entertaining*
- f) in reduced relative clauses.
- g) after *despite* or *in spite of*.
- h) as the subject (or part of the subject) of a verb.

c) Check in **G6.1** p127.

4 Work in pairs. Look at the review again. Match phrases 1–8 in **bold** to uses of verb+ing forms a)–h) in 3.

46



However, despite not wanting to engage in conversation with strangers, people standing at a bus stop will often break an uncomfortable silence by talking about the weather. 'Weather-speak' usually starts with a question which invites the other person into a conversation: "Chilly, isn't it?". But the hidden rule is we have to agree – that's taken for granted. ³Disagreeing could cause offence and the conversation would stop. The only way of stating our true feelings is after agreeing ("Yes, it is.") we can then take a risk and add "but I quite like this kind of weather".

As Fox points out, foreign visitors ⁴taking part in any conversation with an English person may find it tricky at first. There's no use trying to get

personal information out of us because we don't like gossiping about ourselves. We're very uncomfortable when we're being asked questions such as "How old are you?" or "Are you married?". We also ⁵avoid talking about money. Indeed, the English ⁶dislike people asking them what they earn or what they paid for something – that's very personal information.

Once I'd ⁶finished reading *Watching the English*, I did just that – I watched them. It was ⁷fascinating. And the more I watched, the more I found myself agreeing with Kate Fox's conclusion. She states that ⁸in spite of appearing cold and unfriendly (and often being told that they are) the English are, in fact, just very private people.

- 5** a) Read part of another review of Kate Fox's book. Find and correct ten more mistakes.
 b) Work in pairs. Compare answers. Explain why you have made each change.
 c) **R6.1** Listen and check.

The section of Kate Fox's book ^{explaining} explain the rules of queuing is fascinating and the English obey these rules without think about it. Jump a queue will certainly annoy those people queue properly. However, despite feel intense anger towards the queue-jumper, the English will often say nothing – stare angrily is more their style.

Then there are the rules for say please and thank you. The English thank bus drivers, taxi drivers, anyone give them a service. In fact the English spend a lot of time say please and thank you, and they hate not be thanked if they think they deserve it. Not say thank you will often cause a person to sarcastically shout out, "You're welcome!".

6A Vocabulary and Grammar

- 6** a) Use a verb+ing form to complete these sentences about you.

- 1 I can't stand ...
- 2 ... is the best way to relax.
- 3 I think is really fun.
- 4 I'm ... next week.
- 5 I think football is ...
- 6 I really enjoy ...
- 7 I'm thinking of ... next year.
- 8 I spend a lot of time ...

- b) Work in pairs. Take turns to tell each other your sentences. Ask follow-up questions.

**Get ready ...
Get it right!**

- 7** Imagine an English tourist is coming to your country. Write eight tips about the social codes in your country. Use these ideas or your own. Try to use a verb+ing form in each tip.

- behaviour on public transport
- queuing
- dress codes
- saying please and thank you
- starting conversations
- talking to strangers
- talking loudly in public
- subjects you shouldn't talk about
- things that might cause offence

People travelling on public transport often chat to each other.

- 8** a) Work in pairs. Take turns to tell each other your tips. If you're from the same country, do you agree? If you're from different countries, are your partner's tips also true for your country?

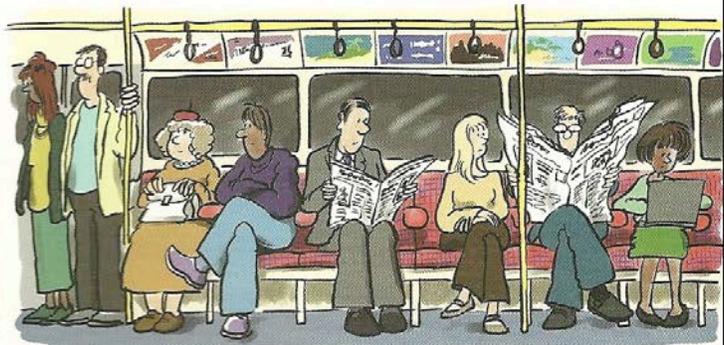
- b) Tell the class the three most important tips for people visiting your country.

Atividades do livro *Total English*

Reading

- 1 a What words come to mind when you think about the English?
- b Read the text. Circle the topics in the box which are mentioned.

drinking tea football English food
driving habits being polite libraries
the weather



Looking at ... England

England

There are ideas about England and the English which are just not true. England does not stop for afternoon tea every day, although the English do drink a lot of the liquid (hot, with milk) and although the weather is very changeable, it doesn't rain all the time!

Also, there's lots of good food in England. No, really! In the major cities you'll be spoilt for choice, with the cuisine of almost every nationality on offer. Indian food is a particular favourite of the English. To find proper English food, try eating in a traditional pub.

The famous English politeness is everywhere. The English use 'Please', 'Thank you' and 'Sorry' more than most nationalities. For example, if you step on someone's foot, they'll probably say 'Sorry' to you! If you make a complaint, it's also usual to begin with 'Sorry' as in: 'I'm sorry, but this soup is cold.'

You may think it strange on the London Underground that people don't talk to each other, even when crowded together in the rush hour. Silence is usual as people read their books or newspapers. That doesn't mean English people are unfriendly. It just means you might have to get to know them first!

O livro *English File* propõe que os alunos primeiramente citem três coisas que são tipicamente inglesas. Em seguida, é sugerida a leitura do texto intitulado *Tipicamente inglês?*, no qual são apresentados vários estereótipos a respeito dos ingleses, tais como: moram em casas, trabalham em escritórios, leem o *The Times*, bebem chá às cinco, assistem à BBC, não fumam, têm gatos ou cães, gostam da família real, não falam nenhuma língua estrangeira, etc. Os alunos verificam, então, se os três fatos que citaram no primeiro exercício aparecem no texto.

Após a verificação, outro texto é apresentado aos alunos; nele, duas pessoas inglesas se apresentam: Catherine e Terry. O foco gramatical é a prática da adição do *-s* nos verbos conjugados na 3ª pessoa do singular no presente simples. Porém, ao completarem os verbos, os aprendizes refletirão sobre os estereótipos contidos no primeiro

texto, pois: Catherine trabalha em um hotel (não em um escritório), bebe tanto chá como café, fuma em média cinco cigarros por dia e lê o *The Independent*, ao passo que Terry mora em um apartamento (e não em uma casa), assiste TV a cabo (e não a BBC), lê o *The Sun*, não gosta de gatos e nem da família real e fala duas línguas estrangeiras.

A primeira atividade proposta pelo livro *Face2Face* propõe aos alunos que discutam em grupos quais são os quatro adjetivos que melhor descrevem os ingleses. Em seguida, devem ler o texto *O que todo visitante à Inglaterra precisa saber*, que consiste em uma resenha crítica escrita por Henry Hardcastle sobre o livro *Observando os ingleses*, de Kate Fox. Na resenha o autor discute o estereótipo vinculado ao povo inglês como sendo frio e hostil e explica que na verdade, os ingleses têm dificuldade de conversar com pessoas com as quais não têm intimidade, por serem muito reservados.

Após a leitura do texto e do ponto gramatical (o uso de verbos com a terminação *ing*), há um exercício que sugere ao aluno imaginar que um turista inglês está vindo ao seu país. É solicitado a ele, então, que liste oito dicas sobre códigos de conduta em seu país. São dadas ao aluno algumas ideias sobre os temas que pode abordar, tais como: comportamento nos transportes públicos, filas, puxar conversa com estranhos, falar alto, entre outros. O aluno deve usar verbos com a terminação *ing* em suas frases.

Nessa atividade, a fim de sensibilizar os alunos para diferenças culturais e promover o encontro entre culturas *via* linguagem, os alunos são incentivados a refletir sobre comportamentos de pessoas de seus países. Os alunos podem, dessa forma, relacionar o novo conhecimento cultural a si próprios e ao seu mundo. Rozenfeld (2007) destaca a importância de definirmos estratégias didáticas que favoreçam a reflexão e revisão pessoal sobre valores do mundo e que possibilitem e intensifiquem as trocas culturais.

O livro *Total English* propõe uma atividade de leitura que se inicia com a seguinte pergunta: O que lhe vem à cabeça quando pensa sobre os ingleses? Após discussão dos itens levantados, os alunos leem o texto *Olhando para a Inglaterra*, no qual se destaca logo no início a seguinte afirmação: “Há ideias sobre a Inglaterra e sobre os ingleses que não são verdadeiras”. O texto identifica alguns estereótipos que existem sobre a Inglaterra e os ingleses e os desconstrói, como por exemplo: embora os ingleses gostem de chá, não param todas as tardes para bebê-lo; apesar de o tempo ser bastante instável, não

chove todos os dias no país; o fato de permanecerem em silêncio durante as viagens no metrô, não significa que os ingleses sejam antipáticos; significa apenas que não têm o hábito de iniciar conversa com pessoas que não conhecem.

4. REFLEXÕES FINAIS

Observamos que as atividades propostas nos três livros analisados propiciam experiências sócio-interativas envolventes, as quais podem promover ação linguística comunicativa na língua alvo e favorecer o trabalho pela consciência cultural do outro e da própria cultura do aprendiz. Nelas, o conteúdo cultural é abordado sem que haja uma delimitação entre língua e cultura, ou seja, o componente cultural não constitui um apêndice no ensino de línguas, nem se limita ao ensino de curiosidades e exotismos que podem levar a criação de estereótipos. Ao contrário, as atividades propostas possibilitam a abordagem, discussão e quebra de estereótipos a respeito da cultura da língua alvo. Os autores desses livros parecem compartilhar da ideia de que não se pode desassociar língua e cultura, considerando-se a maneira como as atividades foram propostas e os tópicos apresentados.

Nas atividades dos livros em questão, os alunos são levados, primeiramente, a apresentar as imagens que trazem da cultura inglesa e em seguida, têm a oportunidade de averiguar, por meio da leitura de textos, se suas representações a respeito da cultura da língua alvo são ideias estereotipadas ou não. Portanto, as atividades estimulam a análise comparativa de aspectos da cultura britânica com a cultura do aluno, favorecendo, assim, a autopercepção e a percepção de aspectos de outras culturas, conforme propõem Byram et al (2002).

É importante, como educadores envolvidos com o ensino de línguas, termos em mente que o ensino intercultural deve despertar a curiosidade dos alunos a respeito de outras culturas, auxiliá-los a reconhecer que as variáveis socioculturais afetam o comportamento das pessoas e que a comunicação eficiente depende da maneira como, culturalmente condicionadas, as pessoas pensam e agem. O ensino intercultural deve conduzir a reflexões que levem o aprendiz a perceber a expressão de uma cultura por meio de pessoas, costumes, comportamentos e hábitos. Dessa forma, “o ato de comunicação se caracterizará por processos dialógicos que envolvem muito mais a compreensão que o mero conhecimento do outro” (SCHINELO, 2009, p.56).

Ensinar uma LE não significa transmitir valores culturais do povo que a fala; significa, entre outros aspectos relevantes, permitir ao aprendiz o acesso a outras culturas, outros modos de pensar o mundo. Ao ensinarmos uma nova língua, também contribuimos para a formação de indivíduos que se veem como cidadãos do mundo, trabalhamos com noções de quem somos e com questionamentos sobre a relação dessa nova língua com nossas identidades individuais e coletivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ACKLAM, R.; CRACE, A. **Total English (Pre Intermediate)**. Essex: Pearson Education, 2005.
- ALMEIDA FILHO, J.C.P. **Língua além de cultura ou além da cultura, língua?** Aspectos do ensino da interculturalidade. In: CUNHA, M.J.C & SANTOS, P. Tópicos em Português Língua Estrangeira. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002, p.209-215.
- BARBOSA, L. M. A. **O Componente Cultural na Linguística Aplicada**. São José do Rio Preto: APLIESP - Associação dos Professores de Língua Inglesa do Estado de São Paulo, 2009, p.115-134.
- BIZARRO, R.; BRAGA, F. **Da(s) cultura(s) de ensino ao ensino da(s) cultura(s) na aula de Língua Estrangeira**. Universidade do Porto. Faculdade de Letras, p.823-835, 2005.
- BYRAM, M.; GRIBKOVA, B.; STARKEY, H. **Developing the intercultural dimension in language teaching: a practical introduction for teachers**, 2002. (versão eletrônica) Disponível em: < <http://www.lrc.cornell.edu/director/intercultural.pdf>>. Acesso em: 6 de jan. 2012.
- CLEARY, M. Culture in ELT. **New Routes**, São Paulo, n.36, p. 32-33, set. 2008.
- CORBETT, J. Developing Intercultural Language Awareness. **New Routes**, São Paulo, n. 34, p. 26-27, jan. 2008.
- CORBETT, J. Explore, Reflect and Discuss: Intercultural Activities for the Language Classroom. **New Routes**, São Paulo, n. 42, p. 14-18, set. 2010.
- KRAMSCH, C.J. **Context and Culture in Language Teaching**. Oxford: Oxford University Press, 1993.
- KUMARAVADIVELU, B. **Cultural Globalization and Language Education**. New Haven (EUA): Yale University Press, 2008.
- OXENDEN, C.; SELIGSON, P. **English File (Elementary)**. Oxford: Oxford University Press, 1996.
- PAIVA, A.F. **Perspectivas (inter)culturais em séries didáticas de português língua estrangeira**. 118f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de São Carlos, 2009.
- REDSTON, C.; CUNNINGHAM, G. **Face2Face (Upper Intermediate)**. Cambridge: Cambridge University Press, 2006.
- ROZENFELD, C.C.F. **Crenças sobre uma língua e cultura-alvo (alemã) em dimensão intercultural de ensino de língua estrangeira**. 197f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de São Carlos, 2007.
- SCHINELO, L.M. **Aspectos interculturais no ensino de espanhol em contato com o português em canções em livros didáticos**. 168f. Dissertação (Mestrado em Lingüística) – Universidade Federal de São Carlos, 2009.